



# Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



**Volume XIV, n. 3, set. 2020**  
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

## **EIXO 3 - EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <https://doi.org/10.29380/2020.14.03.16>

Recebido em: **30/07/2020**

Aprovado em: **31/07/2020**

AFETOS E SUBJETIVIDADES DE ESTUDANTES NA PANDEMIA: RELATO DE  
EXPERIÊNCIA; STUDENTS' AFFECTIONS AND SUBJECTIVITIES DURING THE  
PANDEMIC: AN EXPERIENCE REPORT; AFECTOS Y SUBJETIVIDADES DE LOS  
ESTUDIANTES EN LA PANDEMIA: INFORME DE LA EXPERIENCIA

ELIENE NERY SANTANA ENES

<https://orcid.org/0000-0002-5821-1885>

MARIA GABRIELA PARENTI BICALHO

## RESUMO

O presente trabalho apresenta relato da prática pedagógica Cartografias Afetivas, vivenciada com estudantes do curso de Psicologia de uma universidade privada, durante a pandemia do novo Coronavírus. A atividade objetivou proporcionar o exercício de registro e reflexão sobre as vivências dos estudantes, no contexto do isolamento físico e aulas na modalidade não presencial. A análise da experiência está organizada em duas linhas de ação: o fluxo dos movimentos dos sujeitos e o fluxo dos movimentos dos processos das aprendizagens. Conclui-se que a atividade se apresenta como instrumento de diálogo formador e potencializou à docente a aos/às discentes mecanismos de compreensão dos afetos e subjetividades vivenciados.

**Palavras-chave:** subjetividades. isolamento físico. COVID-19. relato de experiência.

## ABSTRACT

This work presents a report of an experience on a pedagogical practice called Affective Cartographies, performed with students of the Psychology course from a private university, during the pandemic of the novel Coronavirus. The activity aimed to promote the task of registering and reflecting on the experiences of students, in the context of physical isolation and live virtual classes. The analysis of the experience is organized in two lines of action: the flow of the subjects' movements and the flow of learning processes. It is concluded that the activity that was carried out presents itself as an instrument of formative dialogue, which strengthened the teacher and the students' mechanisms for understanding the affections and subjectivities, experienced during the pandemic of Covid-19.

**Keywords:** Report of experience. Subjectivities. COVID-19, Physical isolation.

## RESUMEN

Este trabajo presenta un informe de la experiencia de una práctica pedagógica llamada Cartografias Afetivas, vivida con estudiantes del curso de Psicología de una universidad privada, durante la pandemia del nuevo Coronavirus. La actividad tenía por objetivo proporcionar el ejercicio de registro y reflexión sobre las experiencias de los estudiantes, en el contexto del aislamiento físico y de la modalidad de clases virtuales en directo. El análisis de la experiencia se organiza en dos líneas de acción: el flujo de los movimientos de los sujetos y el flujo de los procesos de aprendizaje. Se concluye que la actividad realizada se presenta como un instrumento de diálogo formativo, que potenció al profesor y a los alumnos mecanismos de comprensión de los afectos y subjetividades, experimentados durante el cruce pandémico de Covid-19.

**Palabras-clave:** Informe de experiencia. Subjetividades. COVID-19. Aislamiento físico.

## 1 INTRODUÇÃO

### ANO 2020, ANO DO RATO DE METAL OU SERIA COVID-19?

Ano 2020. Ano do Rato de Metal para o horóscopo Chinês, que inicia em 20 de janeiro, com previsões de abundância e prosperidade, ganhos financeiros, momento de colher o que foi plantado. Na maioria dos países que seguem o calendário gregoriano, a celebração do ano novo acontece na virada do dia 31 de dezembro para primeiro de janeiro do ano novo. Fogos de artifício iluminam os céus celebrando o *Reveillon*, o despertar do ano novo. No Brasil, cidade maravilhosa... Verão... Moro num país tropical... Tem carnaval... O ritmo do trabalho se acerta, o trabalho entra nos trilhos depois do carnaval....

O mundo já noticiava a circulação do novo Coronavírus, causador da COVID-19, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves (BRASIL, MS, 2020). A COVID19 foi descrita na China em dezembro de 2019, como doença com alta capacidade de transmissão - em média, para cada pessoa doente, três seriam contaminadas. A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu a situação como uma emergência global e declarou a pandemia, em 11 de março de 2020, pelo elevado número de casos e rápida disseminação.

O vírus entrou no Brasil por voos internacionais e a cidade de São Paulo tornou-se epicentro da epidemia, que se espalhou rapidamente no estado. Em Minas Gerais, o primeiro caso de infecção pela COVID-19 foi confirmado em oito de março. Cinco dias depois, o governo do estado decretou situação de emergência em saúde pública e, no dia 20 do mesmo mês, reconheceu o estado de calamidade pública, com o fechamento do comércio e suspensão das aulas em instituições educacionais públicas e privadas (decreto 47.886, de 15/03/2020 e decreto 47. 891, de 20/03/2020). (MG, SES, 2020). (MINAS GERAIS, 2020).

Nesse contexto, as instituições educacionais suspenderam as aulas presenciais, seguindo as recomendações de isolamento físico, e, na medida do possível, buscaram se organizar em outro formato e dar continuidade ao calendário acadêmico. As IES passam a enfrentar, assim, um novo desafio. Professores(as) precisam, sem tempo de planejamento, adaptar as atividades previstas para o cenário não presencial. Da mesma forma, os estudantes devem atender a demandas novas, inesperadas. Tanto uns(umas) quanto os outros(as) enfrentam desafios para prover as condições materiais (condições tecnológicas de acesso, espaços privativos nos lugares de convivência familiar) e também as condições subjetivas, ao se organizarem e superarem necessidades de aprendizagem e adaptação às novas exigências. Esse foi o caso da instituição universitária que se coloca como cenário deste relato de experiência, uma universidade privada do leste de Minas Gerais, que determinou a retomada das aulas por meio remoto, a partir do dia 17 de março, 2020.

Este relato de experiência discute uma proposta de atividade didática elaborada como resposta às novas necessidades apresentadas. O contexto é um curso de Psicologia, desenvolvido no turno matutino, mais especificamente, a finalização de uma unidade de estudo de disciplina do terceiro período, cuja ementa previa o tema Subjetividades, em turma com 34 alunos. Ao retomar o contato com os(as) discentes para as atividades on-line, em caráter emergencial, a professora observou insegurança e desadaptação ao novo modelo de aprendizagem, considerando a situação de isolamento social que exigiu de modo brusco, de alunos e professores, o atendimento a demandas como: dispositivos habilitados, equipamentos de suporte, conexão com a Web, adaptações de horários, o domínio de novas ferramentas. A alteração das rotinas ocasionou desconforto, sintomas e até adoecimento.

A experiência proposta a partir dessa observação foi denominada “Cartografias afetivas”. Tratava da elaboração de uma carta, com destinatário de escolha dos estudantes, na qual deveriam relatar sua

vivência do momento do isolamento físico. Pretendia, assim, proporcionar o exercício da reflexão e da consciência dos próprios sentimentos, necessidades e desejos.

A proposta fundamenta-se na ideia de que as narrativas possibilitariam apreender linhas e composições sobre a vivência e percepção dos estudantes, no contexto da pandemia da Covid-19. Nesse sentido, buscamos uma aproximação com noções incorporadas da prática cartográfica que trazem à reflexão uma escuta subjetiva do mundo, segundo o campo conceitual de Guatarri e Rolnik (2010) e Rolnik (2007).

Rolnik (2007, p. 23) esclarece que a cartografia “é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem”. Nesses movimentos, expressam-se as subjetividades, as quais não são passíveis de totalização ou de centralização no indivíduo (Guatarri & Rolnik, 2010). Rolnik (1996) descreve as relações entre os sujeitos e o ambiente sociocultural:

Todo ambiente sócio-cultural é feito de um conjunto dinâmico de universos. Tais universos afetam as subjetividades, traduzindo-se em sensações que mobilizam um investimento de desejo em diferentes graus de intensidade. Relações se estabelecem entre as várias sensações que vibram na subjetividade a cada momento, formando constelações de forças cambiantes. O contorno de uma subjetividade delinea-se a partir de uma composição singular de forças, um certo mapa de sensações” (ROLNIK, 1996, p.1).

Assim, em relação ao contexto no qual se inscreve a experiência relatada neste trabalho, entendemos que vivenciamos coletivamente os impactos da pandemia, que é o ambiente das subjetividades, as quais, por sua vez, se expressam em registros particulares e escalas diferenciadas.

## **2 CARTOGRAFIAS AFETIVAS NO ISOLAMENTO FÍSICO: UMA PROPOSTA**

Considerando as necessidades observadas, foi proposta aos alunos a elaboração das Cartografias Afetivas, nas quais eles deveriam registrar percepções, ideias, afetos, notas pessoais, escritos de vivências na situação de isolamento social, constituindo-se um desenho, um pequeno mapa afetivo. Essa ideia de escrita busca aproximar-se das concepções de Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995), que investem na experimentação/invenção do pesquisador/cartógrafo. Os autores se apropriaram do termo da Geografia, na busca de mapear territórios existenciais das subjetividades. De acordo com Rolnik (2007), o papel do cartógrafo é mapear os afetos expressados, e dele se espera basicamente um mergulho nas intensidades e linguagens que encontra, possibilitando a composição de novos mapas que se fazem necessários e podem indicar caminhos para novos olhares e descobertas.

Também encontramos em Paulo Freire (1997) a ideia de que o professor não deve perder a oportunidade de propor aos educandos a expressão de suas formas de compreender o mundo, analisar situações e fatos. No diálogo, o saber compartilhado amplia o contorno reflexivo ideológico e social sobre teoria e prática.

A atividade foi apresentada aos estudantes da seguinte forma:

### ***Cartografias Afetivas de Trajetórias no Isolamento Físico: das Construções de Si ... Subjetividades***

*A subjetividade é uma forma que carregamos através do exercício de práticas*

*cotidianas, que pode ser simultaneamente desfeita por processos de subjetivação. Enquanto a forma-sujeito é captada pelos saberes e poderes, a subjetivação é um excesso pelo qual a subjetividade deve manter certa reserva de resistência ou de fuga à captação de sua forma (CARDOSO, 2005, apud BRUM, 2012, p.877). Assim, a subjetividade que aqui discutiremos é tomada como singular, diferente de sujeito para sujeito, e desconhece instâncias dominantes de determinação que conduzem as outras segundo uma causa única ou que reinem absolutas. Portanto, não se pode separar a ação sobre a psique daquelas sobre o social, o ambiente e a cultura (DETONI, 2009, 43).*

A todo momento novos saberes e verdades se apresentam e nos levam a produzir novos olhares e concepções de mundo, que por sua vez, mudam a nossa realidade, de acordo com os territórios e lugares onde nos encontramos, forjando a vida. Entende-se que cada acadêmico adota pra si referências e/ou práticas que auxiliam seu desempenho, de acordo com os encontros/desencontros no percurso de formação, seja em salas de aula, trabalho, lazer, ou em encontros ao acaso. Revelam-se, assim, atividades que são exercidas para a potencialização de si mesmo – obtenção de saberes e verdades que serão pensados e chamados aqui - por Construções de si.

Nesse semestre, 2020.1, enfrentamos a maior pandemia das últimas décadas e o isolamento físico é a saída para preservar a coletividade. A perspectiva de não saber quanto tempo vai durar nos faz sofrer mais, causando ansiedade, insegurança, ainda que de modo sublimado, a busca de positividade.

Escreva uma carta a seu amigo, familiar, colega, professor... a quem deseja endereçar, conte: Como se dá/deu sua travessia no isolamento social nesse tempo de pandemia? Quais os impactos do isolamento e da pandemia em sua rotina pessoal? Como lidou com sua afetividade? Conte das suas angústias, medos, transformações, esperanças, projetos...quais estratégias utilizou como apoio pessoal e como estudante?

A atividade foi realizada em três etapas. Na primeira, foi apresentada a proposta de escrita das “cartografias afetivas”, e os estudantes postaram suas produções em uma turma virtual da disciplina, na plataforma *Google Classroom*. Na apresentação da proposta, esclareceu-se que a carta seria lida somente pela professora. Na segunda etapa, a professora, na função leitora das “cartografias afetivas”, respondeu um a um, aos estudantes, no ambiente privado da turma virtual da disciplina. Na terceira etapa, no movimento das cartografias afetivas, estudantes e professora, em aula on-line no ambiente da turma virtual, em diálogo livre, comentaram a atividade vivenciada: a mobilização das subjetividades com a proposta, a percepção de si e do entorno no vivido da pandemia, o criar/inspirar, o ato da escrita, as singularidades, os afetos, a subjetivação, os processos de encontros e desencontros afetivos e do trabalho nos processos de aprendizado em aulas remotas, no contexto emergencial da pandemia da Covid-19.

Como resultado da proposta, 29 (vinte e nove) estudantes endereçaram suas “cartografias afetivas”. No movimento/leitor das subjetividades dessas “cartografias afetivas”, percebemos a riqueza da percepção dos estudantes, os afetos, as reflexões afetivas de si, os olhares diferenciados, neste momento de isolamento.

Os discentes e as discentes, futuros profissionais de Psicologia, registraram, tendo em vista um destinatário específico por eles escolhido, suas vivências da pandemia da Covid-19, e refletiram sobre sua formação de sujeitos psicólogos. Apresentamos a seguir nossas reflexões, sobre essa experiência pedagógica como docentes e profissionais de Psicologia.

### **3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA: ESCRITOS NO DISTANCIAMENTO**

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2002, p. 2).

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, necessita, segundo Larrosa (2002):

parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece... (LARROSA, 2002, p. 19).

O autor busca o vocábulo experiência, do latim “*experiri*, provar (experimental)”. “A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (Larrosa, 2002, p.25). Nesse sentido, o relato da prática pedagógica aqui apresentada traz em si o caráter de experiência – um encontro, uma relação com os estudantes e a pandemia da Covid-19, em um certo período de tempo, de uma travessia.

Cabe mencionar, como sujeito envolvido na experiência aqui relatada, na condição de professora<sup>1</sup>, que a leitura das narrativas produzidas revelou-se tarefa complexa: ler devagar, parar para sentir, suspender a opinião, abrir os olhos e ouvidos para o movimento das “cartografias afetivas”... Não foi possível evitar a escuta das minhas próprias subjetividades, no movimento da leitura das “cartografias afetivas”. As linhas e fios das narrativas dos estudantes que se abriam em novelo de afetos, convicções, ideias, questionamentos, lamentos, lembranças, desejos e esperanças, produziram efeitos também sobre mim. Refletimos e compreendemos o que nos diz Larrosa (2002, p. 25): “É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca...”. O movimento das “cartas” foi percebido como um vai e vem das ondas, que nos leva ao mar, ou nos devolve na areia e volta ao mar. A onda pertence ao mar. Assim, no movimento leitor, a partir das “cartografias afetivas”, busquei construir um desenho irregular, com fios e fluxos das subjetividades dos estudantes, pontuando aqui e ali o que, nas leituras, me chamou atenção, me afetou. Não há pretensão de estabelecer verdades ou saberes prontos, pontos fixos, não há linhas retas. Quais as marcas contidas nos relatos? Quais afetos? Os desejos? Como capturar o sujeito dessa experiência? Qual o sentido das subjetividades? Com essas indagações, vamos criar duas linhas de movimentos para apoio em nossa reflexão: os “movimentos dos sujeitos” e os “movimentos dos processos das aprendizagens”.

### 3.1 Os movimentos dos sujeitos

Nesse raciocínio, encontramos os movimentos dos sujeitos, como a mobilização dos estudantes diante da proposta do exercício de escrita de uma carta, e não um e-mail, uma mensagem de *WhatsApp* ou *Telegram*, modelos comuns das mídias atuais. Entendemos essa mobilização como resposta diante da necessidade de comunicação. Afinal, havia algo a ser dito: ideias, pensamentos, desejos, percepções, sensações, relatos de memórias, reflexões de si e do entorno, da travessia no isolamento social da pandemia de Covid-19.

Suely Rolnik (2019) afirma em uma entrevista, que “a escrita teórica, é primeiro, ouvir você e as

forças do presente no seu corpo, e fazer um esforço de interpretar essas forças, de onde está vindo”. Entendemos que esse foi o movimento inicial dos estudantes: escuta de si mesmos, das percepções, das forças afetivas em desequilíbrio, dos sons de dentro e de fora, a vida em movimento, pedindo caminhos e fluxos de passagem. Narrar experiências constitui-se um exercício reflexivo, diálogo consigo mesmo, racionalização sobre o que foi vivenciado (ZABALZA, 2004).

As cartas contêm as linhas do agora, a vivência do isolamento social. São cartas autobiográficas, representando a singularidade e o cotidiano de cada um; são cartas de improviso, híbridas, endereçadas a familiares, professores, e principalmente aos amigos. Vale assinalar que foi um exercício de improviso, de criação, de expressão de afetos, talvez um remédio, um efeito de cura das marcas no isolamento social, são caminhos errantes, não são itinerários.

Observamos, no processo de escuta de modo geral, que todo fluxo de comunicação dos estudantes em suas narrativas deságua nos afetos relacionados à memória vivida no modo presencial, na universidade, com amigos e familiares, afetos de si no vivido do distanciamento social, cuidado de si, cuidado do outro, teorias e projetos pessoais, sentimentos coletivos de solidariedade, solidão, desadaptação, reflexões sobre a vida, sobre as relações com as pessoas.

Ao valorizar a experiência de cuidado de si e do outro, os estudantes mostram conhecimento, mesmo que empírico (considerando estarem cursando o terceiro período do curso de Psicologia), de sua atuação futura, na perspectiva da saúde mental. Evidencia-se que o vivido no isolamento social contribui diretamente na formação dos estudantes, constituindo possibilidade de afirmação do cuidado de si, da busca do autoconhecimento, na reflexão do dia a dia de um trimestre vivido no isolamento social. As cartografias revelam aproximação com a discussão da saúde mental e do papel do psicólogo no cuidado dos outros e de si.

Lembramos que a prática clínica do profissional de Psicologia é exemplo de experiência que busca ativar de modo especial a dimensão e os movimentos das sensações difusas, intensas e singulares, difíceis de descrever. Traduzir em palavras as vivências, acrescentar sentido, leva a uma ampliação da sensibilidade de cada um, e à compreensão dos deslocamentos subjetivos que resultam do acesso a essa dimensão concreta e material da experiência.

Ainda em relação aos “movimentos dos sujeitos”, compreendemos que a dinâmica e os fluxos das “cartografias afetivas” serviram aos estudantes com efeitos terapêuticos, uma catarse distanciada das relações de conteúdos avaliativos. Assim, a narrativa constituiu-se como possibilidade de desabafo e amparo, nessa vivência desestabilizadora no distanciamento social.

Em diferentes momentos das narrativas, transparecem as angústias em relação à pandemia da Covid-19 (medo, ansiedade, angústia, tristeza, estranhamento do isolamento, desamparo, solidão, preocupação e receio), e questionamentos sobre as próprias escolhas e atitudes diante da vida. Tais expressões podem ser analisadas com o conceito de topofobia, desenvolvido por Tuan (2005), que destaca que o ambiente pode ser visto como ameaçador e produzir sentimentos de medo e temor.

Tuan (2005) responde à indagação: o que é o medo?

É um sentimento complexo, no qual se distinguem claramente dois componentes: sinal de alarme e ansiedade. O sinal e alarme é detonado por um evento inesperado e impeditivo no meio ambiente, e a resposta instintiva do animal é enfrentar ou fugir. Por outro lado, a ansiedade é uma sensação difusa de medo e pressupõe uma habilidade de antecipação (TUAN, 2005, p. 10).

Compreendemos que no isolamento físico, diante da pandemia da Covid-19, o dia a dia é povoado de medo e ansiedade em graus diferenciados na singularidade de cada um. A pandemia do novo

Coronavírus é uma realidade que exige muito esforço psíquico para desenvolver resiliência para reação ao cenário adverso.

Para se defender do desconforto do isolamento físico, várias são as estratégias criadas pelas diferentes subjetividades. Reinventam ações e movimentos de ocupar e reorganizar o tempo: arrumar o ambiente e espaços da casa, ouvir música, aprender um instrumento, cantar, dançar, praticar yoga, pintar, telefonar para os amigos, escrever um diário, buscar positividade nos pensamentos por meio de leituras, selecionar informações jornalísticas. Destacam-se, nas narrativas, as reflexões sobre si, denominadas como autoconhecimento, processo de transformação e reflexão de si e sobre a vida.

### **3.2 Os movimentos dos processos de aprendizagens**

Entendemos a dinâmica das “cartografias afetivas” como processos de aprendizagem. Vamos pensar inicialmente a mobilização dos estudantes para a escrita como efeito de aprendizagem, na medida em que o exercício de escrita possibilita perceber os próprios pensamentos, organizá-los, o que significa processos de reflexão, de hipóteses, além da possibilidade de expressão de seu mundo pessoal. Nesse sentido, o processo da escrita mobiliza subjetividades e leituras do ambiente. Não podemos pensar os processos de aprendizagem em dicotomia com o mundo da experiência, em separado da história de vida social. Entendemos que as aprendizagens estão situadas em um contexto, têm uma história, têm a ver com as pessoas no encontro de estratégias para desconfortos e desafios, têm a ver com a vida cotidiana. Nas experiências de aprendizagem, os sujeitos também aprendem sobre si mesmos e podem confrontar-se com as maneiras como reagem ao aprender sobre si mesmo como pessoa, examinar seu próprio comportamento e atitudes em relação ao outro, ao social.

A aprendizagem, na concepção de Placo e Souza (2006),

é um processo de apropriação de conhecimentos como fatos, eventos, relações, valores, gestos, atitudes, modos de ser e de agir, que promovem no sujeito novas possibilidades de pensar e de se inserir em seu meio (PLACO; SOUZA, 2006, p. 86).

Assim, compreendemos que os processos de aprendizagens dos estudantes constituíram-se no cenário familiar, de grupos, na Web e no isolamento social. Foi possível observar, no final do trimestre, a adaptação dos estudantes às aulas on-line e atividades remotas, a criação de comunidades colaborativas no desenvolvimento das práticas. Também percebeu-se que os estudantes apresentavam preocupação no acompanhamento das disciplinas e seu respectivo rendimento; muitos deram mostras de desânimo. De modo recorrente, encontramos nas cartografias queixas sobre a saudade dos encontros presenciais na universidade, dos diálogos, resenhas e encontros com os amigos, e afirmação do forte impacto do isolamento físico obrigatório nas subjetividades que levou muitos estudantes a pensar em desistir do curso na situação de crise.

Sabemos da necessidade de respeitarmos o distanciamento e isolamento físico e dos riscos de não fazê-lo, porém não se pode negar que a situação é uma experiência desagradável, pois reflete na separação de entes queridos, perda da liberdade, incertezas.

Nesse contexto, os movimentos das aprendizagens foram atravessados por situações diversas como o contexto familiar, a disponibilidade de equipamentos e dispositivos, adaptação ao ensino remoto emergencial, o estranhamento do novo cotidiano, a dinâmica dos afetos e saúde mental, situações das singularidades. Nesse movimento, a possibilidade era acompanhar, um a um, como um passageiro no trem, nos colocando em proximidade para leitura das demandas.

Cabe registrar, que os processos de aprendizagem também envolveram a reflexão e a narrativa de desenvolvimento dessa prática pedagógica, feita pelas professoras, autoras deste trabalho. Construir um caminho estratégico deste relato de experiência representou aprender, a partir da reflexão da ação sobre o processo da vivência das subjetividades e o processo didático-metodológico. Escrever sobre o que fazemos como profissional é um procedimento de análise de nosso padrão de trabalho. “É uma forma de distanciamento reflexivo que nos permite ver em perspectiva nosso modo particular de atuar. E além disso, uma forma de aprender” (ZABALZA, 2004, p.10).

O aprender é sempre mediado pelos processos de transmissão e de reinvenção da cultura e do conhecimento, enlaçados nos movimentos de subjetivação (Teixeira, 2007).

Se possível, extrair uma lição nessa experiência de isolamento físico na pandemia de Covid-19 sobre os processos do “aprender”, é cantar com Gonzaguinha a música “Caminhos do coração”...

*E aprendi que se depende sempre*

*De tanta, muita, diferente gente*

*Toda pessoa sempre é as marcas*

*Das lições diárias de outras tantas pessoas*

*(GONZAGUINHA)*

E, por fim, consideramos a proposta de trabalho como um instrumento de diálogo formador, pois potencializou a incorporação de mecanismos de reflexão na travessia pandêmica da Covid-19 e o intercâmbio de experiências, a partir da estratégia de relatar a prática vivenciada.

#### **4 CONCLUSÃO**

No presente trabalho, buscou-se apresentar uma reflexão sobre a realização de uma experiência pedagógica voltada para as subjetividades dos estudantes, na vivência do isolamento físico, e as implicações nos processos de aprendizagem na adaptação à educação on-line, com aulas de acesso remoto. Sobre a situação dos estudantes, apresentada nos resultados e discussões, cabe mais atenção, pois a travessia do processo pandêmico requer equilíbrio emocional e boas práticas para os processos de aprendizagem e também para a saúde física e mental.

Consideramos que o relato da experiência vivenciada também poderá mobilizar a partilha de outras práticas, construção de propostas, reflexões formativas, na travessia deste momento de crise, que sinaliza desafios aos processos acadêmicos e sociais.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Acesso em: 15 de jul.,2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>

BRUM, Lucas Motta. D  
as Construções de Si ao Devir Clínico: Uma Cartografia Afectiva de Trajetórias Acadêmicas. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza. Vol. XII, n. 3-4, p. 873 – 904, set/dez, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix  
x. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995

DETONI, M. C. **Artesania clínica: Questões para uma prática da multiplicidade**. Porto Alegre, RS: Marcavisual, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GONZAGUINHA. **Os caminhos do coração**. Acesso: em 21 de julho, 2020. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gonzaguinha/280648/>

GUATTARI, Félix; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, n.19, p.20-28.

>MINAS GERAIS. **Secretaria de Estado de Saúde**. Acesso em: 15 de julho,2020. Disponível em: <http://www.coronavirus.saude.mg.gov.br/>

PLACCO, V.M.N.S.; SOUZA, V.L.T. **Aprendizagem do adulto professor**. São Paulo: Loyola, 2006.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina editora; Editora RFPS, 2007.

ROLNIK, Suely Novas Figuras do Caos: mutações da subjetividade contemporânea. **III Congresso Internacional Latino-Americano de Semiótica**. PUC-SP, 04/09/1996. Acesso em: 17 de julho,2020. Disponível em: <https://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/caos.pdf>

ROLNIK, Suely. Entrevista. Fórum de ciência e Cultura UFRJ(2019) Acesso em 17 de julho, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mSDqSTiNn-o&t=495s>

TEIXEIRA, Inês A. C. **Da condição docente: primeiras aproximações teóricas**. Educação e Sociedade, v.28, n. 99, p. 426-433, ago. 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: editora UNESP, 2005.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

1. Adotamos a primeira pessoa do singular para apresentar o relato de uma das autoras, docente da proposta apresentada.

\*(autora) Mestre. Grupo de pesquisa: Núcleo Interdisciplinar de Educação, Saúde e Direitos. Docente do curso de Psicologia da UNIVALE.

ORCID iD <http://orcid.org/0000-0002-5821-1885> [eliene.nery@univale.br](mailto:eliene.nery@univale.br)

\*\* (co-autora) Doutora. Docente do curso de Medicina da UFJF-GV Campus Governador Valadares. ORCID ID <https://orcid.org/0000-0002-5223-9721> [maria.gabriela@ufjf.edu.br](mailto:maria.gabriela@ufjf.edu.br)